

Do seu ponto de vista faz parte a concepção do islamismo como religião integradora do propriamente religioso e do irrecusavelmente profano ou civil. O islão – e a autora com ele – ignora o conceito de secularidade enquanto autonomia relativa das realidades temporais. Esta religião – tudo indica – jamais chegará ao «Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César», mesmo que, para o islamismo chegasse, um dia, um movimento de *Aufklärung*, o qual, parece, só teria êxito eliminando de raiz essa religião. A integração das duas esferas é da sua essência. Esta realidade pode viciar muito do que sobre o caso particular da mulher é dito no Corão e dificultar o bom acolhimento do pensamento da autora pelos leitores ocidentais, habituados, e bem, ao sentido da secularidade, por mais que, e mal, em degenerescência crescente para o secularismo.

Mas a verdade é que a autora é muçulmana. No seu direito está, pois, compreender o estatuto da mulher conforme a sua consciência religiosa. Pena será se, porventura, não reconhecer – não nos é dito aqui – direito semelhante à liberdade de consciência das mulheres não muçulmanas. Reconhece, todavia, sem dúvida, que o islão tem cometido os seus erros e que, tal como no cristianismo, muitas coisas têm a sua explicação no respectivo contexto histórico. Propõe-se por isso, no seu livro, regressar às fontes. No caso, ao próprio Corão. É a partir daí que faz a sua apresentação e apologia do que considera a verdadeira visão corânica da mulher, como não sendo um ser de segunda categoria, antes lhe sendo reconhecido um estatuto de respeito e honra e de igualdade com o homem varão. No essencial, pensa ela, o que é preciso é não confundir os desvios e as más práticas de alguns com a correcta visão corânica da mulher.

É assim que, no seu livro, Zeina el Tibi explica, com alguma minúcia e muita clareza, questões que têm perturbado muitos ocidentais: casamento e casal, poligamia, o (para ela, falso) problema do véu, o direito à educação, o estatuto económico, o estatuto legal e o político, bem como temas mais teóricos como o papel da mulher no nascimento do islão, no desenvolvimento da civilização e no reformismo islâmico.

Um livro de fácil leitura, que pode ser útil, não só aos cristãos e aos ocidentais, mas que seria bom também pôr nas mãos de muitas mulheres e homens de religião islâmica, já que a prática continua a ser demasiado contraditória da compreensão da mulher aqui exposta.

JORGE COUTINHO

LITERATURA

GABRIEL, Pedro, **O Profeta e o Anticristo**, Ed. Edita-me, Porto, 2013, 389 p. 235 x 150, ISBN 978-989-743-024-4.

Num tempo em que as livrarias, incluindo as dos hipermercados, abundam em livros de temática esotérica (de que Dan Brown é apenas um caso exemplar), sem dúvida a corresponder a um inusitado gosto por esse género de assuntos – um gosto que pode ser interpretado como indo ao encontro, simultaneamente, de um problemático regresso do religioso sob variadas formas, de uma doentia cristianofobia e do interesse comercial dos autores e editores – este jovem escritor, médico de profissão, lança também no mercado o livro em epígrafe. Trata-se de um livro já qualificado, e bem, pelo Prof. Ângelo Alves como do género «romance ensaístico, de índole filosófica e mística» em que se faz «um diagnóstico dos males da nossa

civilização» (*Voz Portucalense*, 17.07.13). Pela sua insinuação do convite ao seguimento dos bons exemplos de pensamento e de vida das personagens que estão na linha do «profeta», pode ser classificado como romance pedagógico.

A diferença essencial que o destaca dos muitos que circulam por aí – e uma parte relevante do seu mérito – reside em que Pedro Gabriel se mostra, no plano intelectual, apetrechado com conhecimentos filosóficos, teológicos, psicológicos e dos fenómenos místicos como não se verifica em outros autores do mesmo género de literatura; no plano moral, arimado a uma honestidade que também não é usual encontrar neles; e no plano religioso, fiel aos dados genuínos da Revelação cristã (precisamente ao contrário de tantos outros autores deste género de narrativas, que inventam, adulteram e falsificam documentos e dados da história, induzindo o leitor à desconfiança sobre os verdadeiros fundamentos do cristianismo). Em comum com aqueles, podemos dizer que este seu livro leva consigo, no mínimo, qualidade literária bastante para constituir promessa de poder vir a ombrear com eles sem grande favor.

O livro assume, naturalmente, a forma narrativa. Do ponto de vista teológico, poderia por isso ser mesmo qualificado como um texto de teologia narrativa. Como o título insinua, relata um debate entre um «profeta» e o Anticristo. Não se situa, porém, no plano teórico, mas no vivencial ou existencial. A narrativa incide sobre o seguimento de Cristo – do verdadeiro Cristo testemunhado pelos Apóstolos e acreditado pela fé dos discípulos – ou da sua rejeição ou falsificação. Na vida individual como na social. Quem é então o Anticristo referido no título? Pedro Gabriel sugere-o em antecipação, ao inscrever numa página inicial a citação de

1 Jo 4,3: «Todo o espírito que não proclama Jesus, esse é o Anticristo». E tais são todos aqueles que, na sua vida pessoal e social, professam a indiferença religiosa e praticam um laicismo agressivo, de perseguição aos discípulos e aos profetas de Cristo. Deste modo, a narrativa, ao mesmo tempo que faz, literariamente, a apologia de uma personagem-profeta contra os representantes do espírito do Anticristo, revela-se ela mesma obra de um verdadeiro profeta de carne e osso (o seu autor), contra os falsos profetas que são também, a título especial, aqueles outros autores da tal literatura esotérica demolidora da genuína fé cristã, que enchem hoje as livrarias com seus livros de capa vistosa e de título comercialmente aliciante.

O objectivo da narrativa é, pois, um objectivo profético de denúncia. Denúncia de todos aqueles que, de um modo ou de outro, nos tempos modernos e na actualidade, representam o espírito do Anticristo. Para o levar a cabo, o autor narra uma história, a história de Arsène Delacroix, protagonista e profeta do Amor e do Perdão. Uma história que se passa em França, ao tempo da guerra da Vendeia, mas que tem um alcance de sentido supra-temporal, eminentemente simbólico. A lição que desta história o autor procura insinuar no leitor é a de que vale a pena seguir o exemplo das personagens que vivem arrimadas à Fé cristã, por ela norteando a sua conduta e assim transformando o mundo assolado de males num mundo novo, ao mesmo tempo que alentados pela Esperança de serem um dia acolhidos pelo Deus do Amor e do Perdão. E, mais amplamente, a lição de que os males da sociedade – da de ontem como da de hoje – só serão erradicados quando as pessoas procurarem pôr em prática o Evangelho de Jesus. Exemplar, neste sentido, e particularmente significativa, é (entre outras

passagens) o discurso que o cardeal Bossuet, simbolicamente despido das suas vestes cardinalícias e vestido «por uma roupa extremamente informal», proferiu na presença de Arsène, nesta altura exercendo o cargo de Presidente da Sociedade das Nações, um discurso em que o orador faz a apologia de um mundo novo, enformado pela boa-nova de Jesus de Nazaré, com a sua lei do Amor, do amor ao próximo. Esse será, segundo Bossuet (que representa, certamente, o ponto de vista do autor da narrativa), o verdadeiro «Caminho da Luz» – uma mal velada referência ao caminho da luz ou das luzes proclamado pela ideologia iluminista em que Arsène fora educado (pp. 252-254).

Do ponto de vista literário, o livro está escrito em linguagem simples, clara e elegante. É, por isso, de leitura fácil e agradável. Uma pequeníssima nota deixaria aqui, como sugestão de aperfeiçoamento em produções futuras: o nome Arsène, sobretudo com função sintáctica de sujeito, repete-se em demasia. Seria bom substituí-lo mais vezes por pronome, perífrase ou qualquer outra expressão adequada.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

ILLANES, José Luis (coord.), **Diccionario de San Josemaría Escrivá de Balaguer**, Instituto Histórico San Josemaría Escrivá da Balaguer / Ediciones Monte Carmelo, Pamplona / Burgos, 2013, 1358 p., 240 x 165, encadernado em capa dura, ISBN 978-84-8353-558-5.

Em coordenação de José Luís Illanes, Prof. jubilado da Faculdade de Teologia

da Universidade de Navarra (Pamplona), um grupo de especialistas preparou este volumoso dicionário, que se pretende de alta divulgação, ao mesmo tempo que elaborado com rigor e nível científico.

O seu conteúdo é muito amplo, abarcando, na ordem alfabética das 288 entradas típica deste género de livros, os mais diversos aspectos da figura do Santo que é objecto do mesmo: biografia (família, cidades e lugares relacionados, factos da vida), bibliografia (escritos de San Josemaría), teologia e espiritualidade (fundamentos dogmáticos, vida espiritual, virtudes e outras disposições espirituais, outras dimensões da existência humana), apostolado, descrição geral e configuração jurídica do Opus Dei, sua expansão e, finalmente, pessoas especialmente ligadas à pessoa de Escrivá de Balaguer, incluindo vários Papas.

O Dicionário teve a dirigi-lo um comité editorial, presidido pelo Prof. Illanes e constituído, além dele, por Lucas Francisco Mateo-Seco, Mercedes Alonso de Diego, Inmaculada Alva Rodríguez e José Luís González Gullón. Colaboraram na sua escrita 226 autores. Integra três índices, com relevo para o índice analítico, que contempla, não só as «entradas» expressas, mas também outras, de carácter remissivo, que são referidas no interior das primeiras. Outro índice contempla as «entradas» ordenadas em critério sistemático, e um outro elenca os nomes dos colaboradores.

Apresentado em muito boa qualidade gráfica, em papel «bíbli», a sua publicação oferece um valioso instrumento para o conhecimento das mais variadas facetas de um homem, hoje oficialmente declarado santo, cuja obra e influência na vida da Igreja e do mundo é por demais conhecida.

JORGE COUTINHO